

## A Outra: o delírio da histérica<sup>1</sup>

Ana Martha Maia e Maria Fátima Pinheiro

Desde Freud, podemos dizer que a fantasia e o delírio são construções ficcionais de que o sujeito faz uso para lidar com o real: "um paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva, enquanto sua doença persiste [como na esquizofrenia] também desiste de sua relação com a realidade"<sup>2</sup>. Na releitura que Lacan realiza do narcisismo freudiano, temos a constituição paranoica do eu como efeito da relação com o outro: o estágio de espelho é uma experiência de júbilo e de horror diante da imagem na qual o *infans* se aliena. No texto sobre a agressividade em psicanálise, Lacan<sup>3</sup> ressalta que a estrutura paranoica do eu é análoga às negações apontadas por Freud nos delírios de ciúmes, de interpretação e na erotomania. Indica, ainda, uma ambivalência estrutural nas reações de imponência e ostentação vividas pela criança na identificação com o outro.

Partindo da forclusão generalizada, desse algo primordial que fica foracluído para todo *parlêtre*, Lacan<sup>4</sup> conclui que todo mundo delira e Miller<sup>5</sup> define o delírio generalizado como uma montagem de linguagem construída sobre um vazio. Nesse sentido, o Édipo é um delírio, uma invenção do neurótico diante da inexistência da relação sexual; e a Outra é um delírio da histérica.

A hipótese de nosso trabalho é que na clínica da histeria feminina a paranoia normal se apresenta sob a forma da devastação, ponto enigmático do desejo da mãe que se presentifica para uma mulher na relação com a Outra. Diante da inexistência d'A Mulher, a histérica responde criando uma versão singular da Outra. Com fragmentos clínicos, ilustraremos nossa hipótese.

Lacan<sup>6</sup> afirma que o homem serve de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele. E a partir desse ponto, localiza a alteridade radical que representa a feminilidade para uma mulher. Através da singularidade da clínica psicanalítica verificamos "tentativas para fazer existir nas posições subjetivas o que não existe: isto é, o Outro sexo para o ser falante"<sup>7</sup>. Uma tentativa se dá pela via da histeria, que revela uma nuance em relação ao falo: numa posição imaginária viril, ao invés de colocar o homem como conector que lhe permitiria se tornar um Outro para si mesma, a histérica interroga a Outra mulher com o Um fálico<sup>8</sup>.

Freud relacionou a devastação à sexualidade feminina ao ser surpreendido com uma particularidade inerente à fase primitiva, pré-edípica das meninas, situando-a como inapreensível, uma vez que se aferram à ligação com a figura paterna, afastando-se assim dessa fase. Todavia, refere-se à dependência da menina em relação à mãe como responsável pelo que ele chamou de "germe da paranoia posterior nas mulheres"<sup>9</sup>, o que se traduz em ser morta ou devorada pela mãe. Na leitura freudiana essa questão é tratada como ódio da mãe, revelando a ambiguidade que envolve a relação mãe-filha, origem do sentimento de perseguição na menina. Freud assinala também que as descobertas da castração e a inveja do pênis, por ocasião do Édipo, condicionam o abandono pela menina de seu vínculo libidinal materno, o que acarreta hostilidade e ódio.

Lacan situará a devastação em cinco momentos de seu ensino<sup>10</sup>, localizando-a primeiramente com relação a uma ruptura da função simbólica a propósito da constituição da subjetividade e da estrutura da linguagem. A seguir, retoma Freud a partir da insaciabilidade, da voracidade materna, do desejo materno como vontade sem lei. E finalmente a articula à teorização sobre o enigma do gozo feminino,

dizendo que a menina espera da mãe mais substância do que do pai.

Observamos nessa trajetória de Lacan sobre a devastação que esta não se apresenta só pela vertente do ódio, mas também pela do amor. De acordo com a concepção lacaniana, uma mulher ama a partir de sua posição de não-toda, mais além da ordem fálica, e isto lhe traz consequências uma vez que "mobiliza mais o insaciável do amor que o desejo"<sup>11</sup>, de tal modo que a mediação fálica e a direção ao homem se impõem para limitar o gozo. A devastação, como sublinhamos, está sempre presente do lado da mulher, o que levou Miller<sup>12</sup> a situá-la como um modo de gozo feminino, definindo-a como a outra face do amor.

A partir do seminário *Mais, ainda*, Lacan assinalou duas derivadas da inscrição da mulher: uma referida ao falo e outra que está para além do falo<sup>13</sup>. A que se refere ao falo tem como resultado o que Freud denomina "inveja do pênis", aspecto que concorreria para promover a decepção da menina em relação à mãe que pode deixar a mulher na posição de ter sofrido um dano, colocando-a em um lugar reivindicatório no sentido de ressarcir o dano - posição ocupada pela mulher na histeria. A outra derivada da inscrição da mulher corresponde à falta de um significante que possa representá-la, o que implica na espera impossível de uma identificação feminina. Situamos essas duas derivadas em Gretha e Sidonie, a jovem homossexual do clássico caso freudiano.

Gretha<sup>14</sup> se apresenta como "uma exilada de todos os lugares" ancorada no amor de um homem. Ser a mulher preferida é uma defesa que começou a construir desde pequena diante da devastação provocada pela morte da mãe e da entrada de uma nova mulher na vida do pai. À presença da Outra, reage com ódio, colocando-se em soberania na exigência de ser absoluta e única para um homem. Sua posição fantasmática pôde ser mantida em sua parceria com o

segundo marido, pois ocupava o lugar de exceção sendo a única, o que não significa dizer que fosse única para um homem. Por "ser a única a ser ultrapassada por seu gozo", na referência de Lacan<sup>15</sup> ao gozo a mais, a posição feminina é vinculada à exigência de reconhecimento na demanda de amor, de situar-se nas palavras de um homem ao ouvir "Tu és minha mulher".

Sidonie Csillag nos mostra outra versão da Outra na histeria. A decepção com o pai e a identificação com ele levam essa jovem homossexual a se dedicar a um amor digno do registro da experiência masculina, de acordo com Freud. Trata-se de um amor platônico, um amor sagrado que não visa outra satisfação além do serviço à dama, ou seja, um amor que busca o que é desejado e que está para além da Dama: o falo<sup>16</sup>. Essa derivada pela via do falo se encontra com outra derivada, a do gozo suplementar relativo à exaltação ao amor, que revela, para além do falo, um gozo que existe e ultrapassa o sujeito. O que a jovem expõe ao pai ao desafiá-lo remete a esse gozo do qual ela nada diz, mas, no entanto, o mostra - um gozo sem limites -, o gozo feminino. Essas mulheres apresentam duas versões da Outra como delírio na clínica da histeria que velam o vazio da inexistência d'A Mulher: amando-a como faz Sidonie Csillag e odiando-a, como faz Gretha.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XVIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano - *O sintoma na clínica do delírio generalizado*. São Paulo, novembro de 2010.

<sup>2</sup> Freud, S. (1986[1914]). "Introdução ao narcisismo". In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 90.

<sup>3</sup> Lacan, J. (1998[1948]). "A agressividade em psicanálise". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 104-126.

<sup>4</sup> Ibid. (2010[1979]). "Transferência para Saint Denis? Lacan a favor de Vincennes!". In *Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise* (65). São Paulo: EBP, pp. 31-32.

<sup>5</sup> Miller, J.-A. (1999). "A psicose no texto de Lacan". In *Curinga - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais* (13). Belo Horizonte: EBP.

- 
- <sup>6</sup> Lacan, J. (1998[1960]). "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina". In *Escritos. Op. cit.*, pp. 734-745.
- <sup>7</sup> Brousse, M.-H. (2008). *Las femineidades: el Otro sexo entre metáfora y suplencia. Del Édipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós, p. 62.
- <sup>8</sup> Tendlaz, S.E. (2002). *Las mujeres y sus goces*. Buenos Aires: Colección Diva.
- <sup>9</sup> Freud, S. (1986[1931]). "Sexualidade feminina". In *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. *Op. cit.*, p. 261.
- <sup>10</sup> Lacan, J. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem". In *Escritos. Op. cit.*, p. 279; Idem. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; Idem. (1992[1959-1960]). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 105; Idem. (2003[1973]). "O aturdido". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 465; Idem. Conferências de Yale (1975).
- <sup>11</sup> Brousse, M.-H. (2004). "Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe". In *Latusa - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro* (9). Rio de Janeiro: EBP, p. 216.
- <sup>12</sup> Miller, J.-A. (2003). "Uma partilha sexual". In *Clique - Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano* (2). Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, pp. 12-29.
- <sup>13</sup> Lacan, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- <sup>14</sup> "Um amor disfarçado em ódio". Trabalho apresentado por Ana Martha Wilson Maia nas XX Jornadas Clínicas da EBP-Rio - *Um apego singular: a transferência e suas surpresas*. Rio de Janeiro, setembro de 2010.
- <sup>15</sup> Lacan, J. (2003[1973]). "O aturdido". In *Outros escritos. Op. cit.*, p. 467.